OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

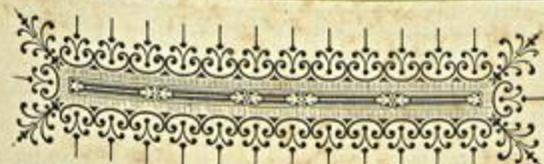
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 440

11 DE MARÇO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

O facto mais importante d'estes primeiros dez dias do mez de março foi a abertura das camaras.

Isto não quer dizer precisamente que a abertura do parlamento produzisse uma profunda impressão em Lisboa, quer dizer apenas que n'estes dez dias tem havido uma absoluta falta de acontecimentos.

As camaras de mais a mais abriram-se á capucha e nem sequer houve a festança da sessão de abertura solemne que sempre dá a sua animação á cidade; abriram-se á capucha e até agora á capucha lá tem feito as suas sessões sem despertarem uma curiosidade por ahi além, sem que o publico faça *queue* ás portas das tribunas.

Do que lá se tem passado informará os leitores do OCCIDENTE o meu presado collega da Revista Politica, que eu fallando aqui na abertura das côrtes obedeço apenas ao meu dever de chronista da capital, de mais a mais d'um chronista de dez dias lisboetas, que tão pouco deram que fallar de si.

Porque a verdade é que esses dez dias foram de uma pobreza franciscana.

Na minha ultima chronica dava uma mão cheia de novidades que estavam em incubação, mas essa incubação dura ainda, e a essas novidades, que estão para vir tem-se juntado outras no mesmo tempo futuro, que promettem uma chronica cheia como um ovo para d'aqui a pouco tempo, mas que dão hoje apenas uma chronica magra como um espeto.

Das novidades annunciadas apenas se realisou uma — a do beneficio do Silva Pereira com uma comedia allemã em 4 actos *A Aranha d'Ouro* e uma comedia em um acto *Ernesto*.

Silva Pereira é um dos artistas que mais sympathias tem entre nós não só pelo seu bello talento comico, que faz d'elle um actor muito distincto, como tambem pelo seu bello caracter, que faz d'elle um homem estimabilissimo. Muito querido como amigo, muito estimado como actor, comprehende-se bem que os beneficios de Silva Pereira sejam sempre noites das mais festivas dos theatros portuguezes, visto estar admittido nos nossos costumes theatraes este uso do beneficio dos artistas de primeira categoria em cada theatro, assim como cada dia a igreja costuma ter as suas diversas especies de festa dos seus muitos santos ou santas mais predilectas.

Em França não ha este costume dos beneficios e entre nós ha muito quem o censure e já por vezes se tem pensado em eliminal-o, augmentando as mensalidades dos artistas, de modo a prefazer esse supplemento ao ordenado, que elles tem nos seus beneficios.

Eu concordo tambem que realmente essa obrigação que as emprezas contrahem com muitos dos seus artistas de lhes dar beneficios, embaraça ás vezes o andamento dos trabalhos theatraes, transtorna o seu reportorio, obriga-as a cortar espectaculos que estão fazendo a sua carreira, a amontoar peças novas sobre peças novas, com um trabalho excessivo e por vezes com manifesto prejuizo d'essas mesmas peças; mas no fim de contas, conhecendo todos estes inconvenientes que tem o uso dos beneficios ou para melhor dizer o abuso d'elles—porque é d'esse abuso que vem muitas vezes as difficuldades para as emprezas, e a impossibilidade de casar a realisação de numerosos compromissos, tomados nas suas escripturas, com a boa e habil administração dos seus espectaculos — conhecendo tudo isso teria certa pena que essa velha costumeira desapparecesse dos nossos theatros e que o systema francez aqui se implantasse a valer

E tinha pena, primeiro porque o beneficio d'um artista representa alguma cousa mais do que os tantos mil réis

O CONTRA ALMIRANTE CARLOS TESTA — FALLECIDO EM 20 DE FEVEREIRO DE 1891

(Segundo uma photographia de M. Martinez)

que elle n'essa noite mette na algibeira, representa uma festa, uma recompensa do seu trabalho de todo o anno, uma noite de jubilo artistico, que vale muito mais que o dinheiro; e em segundo logar, porque dada a nossa vida theatral, os beneficios tem mesmo para as emprezas e para as peças o seu que de bom.

E' claro que quando um theatro annuncia a primeira representação d'uma peça portugueza, d'um auctor conhecido e reputado, ou d'uma peça estrangeira que vem precedida de grande fama, e cujo *successo* extraordinario lá fóra desperta entre nós a curiosidade, o theatro enche-se á cunha n'essa noite, e a peça é vista e apreciada logo por um publico numeroso, que a acha boa ou má, que a mata logo ali ou que a alevanta.

Mas nem sempre infelizmente se dá esse caso.

Apesar do movimento tão lisongeiro para a litteratura dramatica portugueza, que se tem realisado n'estes ultimos annos, os theatros não estão nem podem estar cheios de peças originaes que dispertem interesse, e lá de fóra não são tantos os grandes *successos* cuja fama se espalha largamente entre nós, que os theatros possam viver exclusivamente d'elles, e quando a peça nova que se representa não vem escudada por um nome laureado portuguez, ou por um grande exito estrangeiro, a sua primeira representação arrisca-se muito a ser feita ante uma platéa deserta, no meio da frieza glacial, que uma sala quasi vazia communica sempre aos raros espectadores que a povoam.

E isto não é de maneira nenhuma uma hypothese gratuita, é um facto repetido muitas vezes e ainda ha poucas semanas com uma peça nova na Trindade, o *Pato de tres bicos*, que se representou pela primeira vez com uma concorrencia diminuta.

E se, por um acaso muito facil de se dar, n'essa noite ha outro espectaculo qualquer muito attrahente, ou chove, ou faz mau tempo, então a concorrencia mais diminuta é ainda.

Ora não é preciso ser muito lido em coisas de theatro para perceber as vantagens, que ha para todas as peças novas, em serem ouvidas na primeira representação por muita gente.

Os beneficios garantem essa vantagem. Cada beneficiado tem os seus amigos, os seus conhecidos, os seus admiradores, o seu publico, e as *prèmieres* n'essas noites de festa tem a certeza de uma enchente.

Se a peça desagrada, morre logo ali, morre no seu posto: se agrada tem logo o seu *successo* assegurado e cada uma das pessoas que assistiram á primeira representação é um *reclame* vivo que chama publico, e a peça faz carreira.

E' verdade que como todas as *medalhas* tem reverso, ha alguns beneficiados que tem um publico muito especial, um publico mau, de nariz torcido: um mau jury que como acontece não raras vezes na Boa Hora, condemna um innocente ou absolve um criminoso.

Esse caso porém dá-se pouco entre nós, onde, salvo raras excepções, o publico das festas artisticas é quasi sempre o mesmo.

Ahi tem o publico dos beneficios do Silva Pereira que é dos mais escolhidos e distinctos. A sala do Gymnasio na noite de 27 de fevereiro apresentava um aspecto elegante, e Silva Pereira teve o que se chama realmente uma festa: muitos applausos, muitos brindes, muitas chamadas, muitos abraços.

A peça de resistencia, a *Aranha d'Ouro*, traduzida por um dos nossos collegas no jornalismo e no theatro dos mais espirituosos e dos mais delicados não teve um grande exito, mas agradou.

Tem as desvantagens que tem nos nossos theatros as peças allemães, cujo feitio e cuja graça é muito differente da graça e do feitio francez a que nós estamos habituados, que constitue o nosso paladar litterario e theatral.

Na *Aranha d'Ouro* ha scenas engraçadissimas, verdadeiros achados, ha bellos typos, mas tudo aquillo nos parece desmanchado: é feito d'uma maneira muito diversa da maneira franceza, hespanhola e portugueza, e coisas que com certeza fazem estorcer a rir uma plateia d'allemães passam por deante do nosso publico sem conseguir fazel-o sorrir, e massando-o por vezes.

A traducção é excellente e excellente o desempenho que lhe deram os artistas do Gymnasio, especialmente Silva Pereira, Eloy, e Valle que marcou um papel insignificante com a sua chancella de grande artista.

A comedia *Ernesto*, é muito franceza, mas tem graça e é representada magistralmente por Silva Pereira.

* * *

Como disse as outras novidades de que lhes fallei na minha ultima chronica estão ainda para apparecer.

O *Frei Luiz de Sousa*, a opera portugueza do maestro Gazul, que é este anno a opera de obligo, está já em ensaios d'orchestra e deve representar-se no principio da semana.

A primeira leitura da opera pela orchestra foi um grande triumpho para Gazul que teve ruidosa ovação, pela maneira como está tratada, pelos processos modernos, toda a orchestração.

Frei Luiz de Sousa é segundo nos dizem um trabalho distincto, um drama lyrico, quasi todo dialogado, afastando-se muito da forma italiana.

As recitas do *Tamagno* devem principiar no dia em que esta chronica vir a luz, e principiam pela opera em que ha grande curiosidade de vêr o celebre tenor, o *Othello*, que elle creou.

A assignatura para as recitas do *Tamagno* está coberta ha muitos dias, apesar da elevação dos preços.

E ainda dizem que não ha dinheiro!

Em D. Maria apressam-se os ensaios do *Alcacer-Kivir*, de D. João da Camara que deve representar-se no dia 14.

Conhecemos da peça trechos deliciosos, e um final de acto, que deve ser d'um effeito enorme, o final do terceiro acto, parece-nos, o da partida de D. Sebastião para Africa.

Os principaes papeis do *Alcacer-Kivir* estão a cargo de Virginia, Rosa Damasceno, João Rosa, Brazão, Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Pinheiro, e tudo faz crêr que João da Camara encontrará no seu novo drama o mesmo grande *successo* do *D. Affonso VI*.

* * *

A accrescentar á lista das novidades que se preparam, que demos na nossa ultima chronica, ha uma novidade de primeira ordem, que está já revolucionando todo o publico de Lisboa, apesar de se annunciar ainda para os primeiros dias de abril — a da representação unica d'uma comedia, escripta expressamente para ser representada uma noite, e desempenhada pelos primeiros artistas portuguezes e pela grande cantora Helena Theodorini que n'essa comedia representará e cantará em portuguez.

Essa recita, unica nos annaes do nosso theatro, será em beneficio das Creches de Santa Eulalia, e daremos d'ella mais amplos promenores na proxima chronica.

* * *

Agora mesmo que iamos a terminar chega-nos uma noticia triste que infelizmente era já esperada ha muitos dias, a noticia da morte do illustre publicista o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Apesar de bastante idoso já, pois nascera nos primeiros annos do seculo — em 1807, José Silvestre Ribeiro luctou desesperadamente com a doença, e a morte não o venceu assim ás primeiras rasões.

Depois de uma longa enfermidade e de uma demorada agonia, o illustre publicista expirou no dia 9 ás 10 horas e meia da noite.

Paz á sua alma.

Gervasio Lobato.

CARLOS TESTA

A nossa marinha de guerra acaba de receber uma perda sensivel com a morte de um dos nossos mais dignos e illustrados officiaes, o contra-almirante Carlos Testa.

Carlos Testa não era uma d'estas individualidades deslumbrantes, que offuscam com as suas apparencias tantas vezes mentirosas, mas que deixam apenas o fugidio rasto d'um meteoro. Organisação vigorosa, tanto sob o ponto de vista physico, como sob o ponto de vista moral, o illustre marinheiro evitava tudo o que podesse offender a sua modestia e retrahia de proposito as suas qualidades, para só fazer uso d'ellas quando eram reclamadas por necessidade de serviço da patria ou interesse nacional. A posição distincta que occupava na sua arma ou na sociedade devia-a unicamente aos seus merecimentos intrinsecos; conquistara a com a sua aptidão e com o seu trabalho. Homem de crenças sinceras e fundas, nunca emittiu uma opinião por conveniencia pessoal, nunca deixou de a sustentar quando estava convencido de que entrava na defeza de uma causa justa.

Carlos Testa era uma d'estas energias uteis, um pouco deslocadas da época, um pouco fóra do ambiente convencional que nos estreita e asphyxia. Algumas das suas idéas, sobre tudo em religião e em politica, podem ser consideradas por muitos como retrogradas, mas, qualquer que seja o conceito que d'ellas se faça, o que se lhes não póde negar é o valor da sinceridade. Ainda quando discordemos das suas opiniões, somos obrigados a respeital-as, porque vimos que não as dictou a hypocrisia. A mascara de Tartufo não se afivelava n'aquelle rosto.

A individualidade de Carlos Testa tem de ser considerada debaixo de mais um ponto de vista. Como official brioso, como homem technico, como professor e como publicista.

O tempo que Carlos Testa serviu na armada foi um periodo de paz e por isso não houve occasião de fulgirem em todo o seu relevo as qualidades demonstrativas do seu valor. As commissões, porém, que lhe foram incumbidas, desempenhou-as d'um modo altamente satisfatorio, grangeando por isso a estima e a consideração dos seus collegas e dos seus superiores. Asssentando praça em 1839, com 16 annos de idade, foi promovido a guarda-marinha em 1843. Durante o tempo que cursou as respectivas aulas foi sempre um estudante distincto e premiado. A lista dos seus postos é como segue:

29 de março de 1847 — 2.º tenente.
13 de julho de 1859 — 1.º tenente.
31 de outubro de 1866 — capitão-tenente.
6 de novembro de 1873 — capitão de fragata.
20 d'agosto de 1879 — capitão de mar e guerra.
27 de fevereiro de 1890 — contra-almirante.

Alem de varias commissões que desempenhou condignamente, Carlos Testa acompanhou el-rei D. Luiz (então ainda infante) nas suas digressões maritimas.

Em 1865 abriu-se concurso para a cadeira de Direito Internacional Maritimo, na Escola Naval, e Carlos Testa conquistou-a, depois de ter apresentado as mais brilhantes provas. Não considerando, como tantos, o professorado como um canonicato, o distincto official escreveu e publicou um compendio para uso dos alumnos que frequentavam a sua aula.

Carlos Testa não era simplesmente um official theorico. Não esquecendo os deveres da sua cadeira, seguia com firmeza e enthusiasmo as transformações porque ia passando a architectura naval, e pode-se dizer, sem offensa para ninguem, que elle era n'este ponto um verdadeiro especialista. Os documentos, de mais de uma especie, não faltam a comproval-o. Em 1864 publicou elle um importante trabalho que intitulou *Considerações sobre os navios de guerra*, e em 1890, pouco tempo antes de fallecer, voltava de novo ao assumpto, publicando um folheto intitulado *Questão de preferencias na acquisição de navios de guerra*. Escreve elle no começo d'este opusculo:

«Quem chegou a completar 50 annos de serviço ao seu paiz na carreira maritima, sente-se a esta ligado moralmente, mais pelas recordações do passado, do que pelas aspirações do futuro.

«Ainda assim o amor da arte, da qual se foi obreiro durante um prazo que abrange a maior parte da vida, não permitte ficar indifferente perante as questões que ao presente se discutem, com relação aos interesses de tão importante ramo da publica administração, e ao melhor aproveitamento de quaesquer meios que n'esse intuito se pretendam applicar.»

O veterano não descançava um momento no seu lidar incessante.

Em face d'estas circumstancias que tanto o recommendavam, não admira que Carlos Testa fôsse quasi sempre chamado para o desempenho de commissões, em que os seus conhecimentos technicos eram geralmente reconhecidos. Convidassem-n'o, como o convidaram, para ministro, e elle recusaria a honra, mas para o desempenho de funcções, em que a sua actividade fôsse aproveitada proficuamente, estava sempre prompto. A tempera do seu caracter não era para as tortuosas malleabilidades da politica. O marinheiro, affeito ás brisas agrestes do mar, não se afeiçoava á atmosphera viciada dos gabinetes ministeriaes.

Os serviços que elle prestou sob este ponto de vista, assistindo á acquisição ou dirigindo a construcção de navios para a nossa esquadra, são importantissimos. Os factos só tem comprovado a escolha de tão habil e de tão honrado especialista. Façamos de corrida a lista d'esses deveres officiaes, tão exemplarmente cumpridos. Em 186[illegible] foi encarregado de conduzir a Inglaterra a corveta *Sá da Bandeira*, afim de se lhe metter machina. Em 1871 foi incumbido de adquirir o transporte de guerra *India*, que recebeu este nome por

causa dos acontecimentos que então se deram n'aquella nossa possessão asiatica. Em 1874, sendo ministro João d'Andrade Côrvo, foi-lhe encarregada a acquisição do couraçado *Vasco da Gama*, das corvetas *Rainha de Portugal* e *Mindello*, das canhoneiras *Rio Lima*, *Sado* e *Tamega* e ainda do transporte *Africa*. Em 1876 entrava a barra de Lisboa commandando o *Vasco da Gama*. Em 1884 ainda recebia tambem a incumbencia de superintender na construcção da corveta *Affonso de Albuquerque* e das canhoneiras *Liberal* e *Zaire*.

O perfeito conhecimento da lingua ingleza, alliado aos seus conhecimentos technicos e á integridade do seu caracter, fazia com que Carlos Testa cumprisse sempre estas funcções com um zelo e regularidade inexcediveis.

A actividade de Carlos Testa não se manifestava unicamente nas cousas maritimas. A sua penna era tambem incançavel. Na imprensa e no parlamento advogou causas importantes, algumas d'ellas de elevado alcance patriotico. Embora não fosse um escriptor brilhante, era um publicista distincto. Não o namorava a belleza da phrase nem o arrendado do estylo: o que procurava era dizer chãmente o que sentia. A sua fôrça não provinha da imaginação, mas d'um espirito reflexivo e sensato. Escrevia convictamente, desinteressadamente, no interesse unico de satisfazer a sua consciencia. Pouco lhe importava que as suas idéas desagradassem, porque não procurava a popularidade, esse traiçoeiro santelmo que tantas vezes nos fascina para nos levar á beira d'um abysmo. Uma prova da independencia do seu caracter é a coragem com que elle emittiu o seu parecer na occasião das polemicas suscitadas nas nossas contendas diplomaticas com a Inglaterra. Elle não deixava de reconhecer que este paiz abusava da nossa fraqueza, mas outros havia, no seu entender, que mais nos tinham insultado sem terem provocado egual irritabilidade da nossa parte. Espirito recto, punha a justiça e a imparcialidade da historia acima de tudo, sem que por isso se podesse notar a mais pequena nodoa nos arminhos do seu patriotismo. Se a Inglaterra lhe merecia sympathias, assim como as tinha merecido a Alexandre Herculano, nem por isso deixava de a verberar quando entendia que o seu procedimento era menos justo ou regular. O seu folheto *Lord Palmerston, a opinião e os factos* dá d'isso um indelevel testimunho.

São numerosos os seus escriptos, muitos dos quaes estão disseminados em diversas folhas periodicas e que elle tratava agora de recolher. A morte não o deixou realisar este plano, mas a empreza cremos que não deixará de ir por deante. Dos seus opusculos e livros apresentaremos aqui uma nota, que é bem possivel não seja de todo completa. Eil-a na sua ordem chronologica:

1860 — *Breves considerações ácerca da navegação por vapor, em relação á força das machinas, economia do combustivel, e extensão das viagens. Extrahidas do inglez*. Lx. Imprensa Nacional, 8.º grande de 16 pag. Sahiu anonyma.

1861 — *Um novo titulo de soberania, e o seu reconhecimento. O facto, o direito e a conveniencia*. Lisboa, typ. de J. J. de Carvalho, 1861, 8.º grande, 16 pag.

1864 — *Considerações sobre os navios de guerra em relação aos systemas de construcção e armamento, e sua efficacia para o ataque e defeza*. Lisboa, typ. de J. G. de Sousa Neves, 8.º, 157 pag.

1865 — *Lord Palmerston, a opinião e os factos. Um brado a pró da verdade*. Lisboa, typ. da Sociedade Franco Portugueza, 8.º, 37 pag.

1866 — *Inconveniencias e contradições no julgamento da politica dos Estados e conducta dos governos*. Lisboa, typ. de G. M. Martins, 8.º, 110 pag.

1869 — *Quadros vivos da politica, ou justificação de descrentes e desengano de illudidos*. Lisboa, typ. de J. G. de Sousa Neves, 8.º, 67 pag.

1869 — *A reação e o convento de Aveiro. Por um amigo da liberdade*. Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves, 8.º, 20 pag.

1880 — *A influencia europea na Africa perante a civilisação e as relações internacionaes. Considerações ácerca do tratado de 30 de maio de 1879 denominado de Lourenço Marques*. Lisboa, typ. Universal, 8.º, 68 pag.

1880 — *A Politica intercolonial e internacional e o tratado de Lourenço Marques*. Lisboa, idem, 8.º, 68 pag. É um additamento á memoria anterior.

1882 — *Principios geraes e regras praticas de direito internacional maritimo*. Lisboa, idem, 303 pag.

1888 — *Verdades amargas sobre questões sociaes*. Idem, idem, 61 pag.

1888 — *Portugal e Marrocos perante a historia e a politica europeia*. Idem, idem, 40 pag.

1890 — *Questão de preferencias na acquisição de navios de guerra*. Idem, idem, 21 pag.

1890 — *Incidentes da politica externa de Portugal ou titulos de recommendação na escolha de suas allianças*. Idem, idem, 144 pag.

Por esta resenha bibliographica se reconhece quaes são os assumptos de preferencia tratados pelo author. As questões internacionaes despertavam lhe principalmente a sua attenção, defendendo convictamente as vantagens da alliança ingleza, adoptando assim as doutrinas expendidas por Alexandre Herculano e Andrade Corvo, dois vultos da nossa litteratura.

Eis aqui desenhada a traços largos a physionomia energica e sympathica de Carlos Testa. Nunca tivemos o prazer da sua convivencia pessoal, embora nos sentissemos naturalmente impellidos para elle pela esphera de attracção que circumda todo o homem de bem. Não fomos o panegyrista, fomos apenas o apreciador imparcial. Não faltámos ao nosso dever de critico e cremos ter assim satisfeito, sem os ouropeis da lisonja, a piedosa aspiração d'um amigo dedicado e saudoso, que desejava collocar esta corôa de homenagem sobre a campa do illustrado e brioso official.

Sousa Viterbo.

AS NOSSAS GRAVURAS

ESCÓLA MUNICIPAL EM QUELIMANE

Damos hoje nas paginas do Occidente logar a uma estampa que, na sua simplicidade, tem uma alta significação como elemento civilisador e de boa resposta aos que nos accusam de escravisar a Africa.

Os nossos *amigos* inglezes não cessam de nos attribuirem o trafico da escravatura nas nossas possessões d'Africa, e em cada dia inventam novos factos n'este sentido pertendendo assim desacreditar-nos á face das nações civilisadas, mas estes embustes, grosseiros, forjados para encobrirem os proprios traficantes de escravos que se acoitam sob a bandeira ingleza, já não conseguem indignar-nos sequer, nem encontrar echo nas nações da Europa, que vão estando cada vez mais ao facto de como Portugal tem procedido em face dos tratados e de como a Inglaterra respeita esses mesmos tratados.

Todos sabem hoje como a Inglaterra civilisa a Africa; todos sabem dos meios *humanos* de que ella se serve para dominar n'aquelle paiz. Aqui e em toda a imprensa da Europa se tem referido as atrocidades que o inglez commette em Africa para reduzir á obediencia o africano que o detesta, e essas atrocidades na sua forma mais simples reduzem-se a fazer desapparecer o indigena, inutilisando-o pelo alcool, semeando a discordia entre as tribus e fornecendo-lhes armas e polvora para atearem a guerra de exterminio no seu seio, e quando isto não baste infligindo-lhe os castigos mais barbaros a que a morte põe termo, de modo que a resultante de toda esta *civilisação* á moda ingleza, será d'entro em poucos annos não haver em Africa um habitante natural d'aquelle paiz.

Compare-se esta *civilisação* ingleza com a civilisação que Portugal tem levado ás suas colonias e achar-se-ha facilmente a explicação da aversão que o indigena tem ao inglez, em eloquente contraste com o respeito e espontanea estima que tem pelos portuguezes.

As missões dos padres portuguezes incutem no espirito do preto o amor do bem, combatendo com a caridade do evangelho todas as más tendencias do coração humano. Essas missões são uma grande força civilisadora, que longe de anniquillar o indigena ou de o levar á revolta, lhe ensina o amor do proximo, o valor da vida, os direitos da humanidade, e o preto rude, barbaro, sente acordar a alma para uma nova vida melhor e agradece a quem lhe fez esse beneficio.

D'aqui a sua sympathia pelo branco, e esse branco para elle só é o portuguez.

Este é o primeiro passo dado na civilisação do indigena, depois d'aquelle vem naturalmente a escóla.

A escóla! Foi ella que nos suggerio estas breves considerações, porque foi attentando n'ella que reconhecemos mais uma vez quanto são injustas e falsas as apreciações dos inimigos do nosso dominio em Africa, apreciações movidas pelo vil interesse mercenario.

Hoje mais do que nunca se torna bem necessario evidenciar á Europa inteira que a influencia civilisadora de Portugal nas suas colonias, se não tem o brilho e esplendor da riqueza que levanta palacios e faz cidades de um dia para o outro como só o premitte os recursos monetarios das ricas nações, nem por isso essa civilisação é menos sincera nas suas intenções, nem menos proveitosa em seus fructos; porque sem violencias, sem odios, sem destruir, ella procura antes fazer do indigena um cidadão, chamal-o ao convivio das sociedades cultas e edificar o seu imperio sem o alicersar sobre os cadaveres dos que ali tiveram o berço.

O indigena das nossas possessões tem já hoje escólas em quasi todas as colonias, pelo menos em todas aquellas que estão na situação de as dever ter.

N'estas circumstancias conta-se a colonia de Quelimane uma das mais prosperas que existe em Africa.

O desenvolvimento d'esta colonia nos ultimos annos é sensivel e de anno para anno augmenta de importancia.

Já aqui temos dado varias vistas de Quelimane, dos seus edificios mais importantes.

A sua Escóla Municipal, se não é um edificio importante pela sumptuosidade da sua architectura é-o pela importancia moral que tem.

Em toda a simplicidade da sua apparencia ella diz-nos que o indigena a frequenta n'aquelles cento e tantos rapazes que se agrupam na sua frente.

Attentae n'aquellas caras e reconhecereis que são todos indigenas, e que amanhã poderão ser cidadãos uteis ao seu paiz e bem dirão dos portuguezes como de paes desvelados, que os arrancaram ás trevas da ignorancia para os fazer entrar no convivio da sociedade.

EGREJA DA FLOR DA ROSA

A pouco mais de um kilometro do Crato, por uma bella estrada ladeada de boas propriedades, encontra-se a Flôr da Rosa, vetusto monumento religioso que dá o nome á pequena aldeia que lhe vive em roda, entregue á sua industria de loiça ordinaria á prova de fogo, pelo que é muito procurada em toda a provincia.

E' terra bem arejada e sádia e que todos os annos, por 8 de setembro, reune numerosas romarias que de dez leguas em roda veem ali prestar as suas devoções a Nossa Senhora das Neves, orago da egreja da Flôr da Rosa que é tambem freguezia.

Ha então feira muito concorrida assim como a 15 de agosto durando cada uma tres dias.

E' em uma planice de terreno alagadiço, pouco adiante do logar, que se ergue o velho edificio da Flôr da Rosa, fundado pelo prior do Crato, D. Alvaro Gonçalves Pereira para seu alcaçar, onde não esqueceu a piedade christã, constraindo a egreja dedicada á Virgem sobre a invocação de Nossa Senhora das Neves ou da Flor da Rosa.

O edificio de architectura gothica, mais parece uma fortaleza inexpugnavel que um templo christão e poucos exemplares existem em o nosso paiz d'esta architectura meio militar, meio religiosa, em que a um tempo se rendia culto á divindade e se defendia dos assaltos dos inimigos da patria.

Pela nossa gravura, copiada de uma excellente photographia graciosamente offerecida ao nosso periodico pelo sr. Luiz Cordeiro Godinho, se faz boa ideia do edificio da Flôr da Roza, todo acastellado com suas torres, ameias e cubellos que os annos vão derruindo, sendo hoje grande a sua ruina, que vae tambem invadindo o templo.

As cellas dos antigos moradores já de ha muito que estão cahidas, conservando-se ainda de pé apenas algumas sallas em vespera de cahirem tambem, e um grande claustro de oito arcadas que mais parece um matagal onde as plantas sylvestres crescem desenvolvidamente.

A egreja é comprida e de uma só nave, tendo na capella mór a imagem da Virgem esculpida em marmore, com muito apreciavel prefeição se attendermos á sua grande antiguidade. Ao meio do templo ergue-se um tumulo de marmore bem lavrado, com doze palmos de comprido, em forma de tumba, tendo ás cabeceiras duas cruzes, uma liza da fórma das de Malta e outra floreada que parece ser dos Pereiras.

N'este tumulo descançam os restos do fundador d'aquella casa D. Alvaro Gonçalves Pereira filho do arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira e de D. Tereja Pires Villarinho, e pae do invencivel Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, conde de Ourem e de Barcellos e mordomo-mór de D. João I.

Outro tumulo se encontra ainda no cruzeiro da

ESCOLA MUNICIPAL EM QUELIMANE

(Segundo uma photographia)

egreja, é o de D. Diogo d'Almeida, sexto prior do Crato, irmão de D. Francisco d'Almeida que foi governador da India e de D. João d'Almeida segundo conde de Abrantes.

Almeida Garrett encontrou em Flôr da Roza, a casa em que se educou a sua Alda, a esposa do Alfageme de Santarem. A sobrinha de Tristão Dias, afilhada de D. Alvaro Gonçalves, ali nasceu e se criou, *como senhora entre senhoras, com mais prendas que ellas todas, com mais virtudes que nenhuma d'ellas.*

ILHA E PRAIA DE TAMANDUÁ

(Rio Madeira Amazonas)

Esta praia é muito conhecida por n'ella virem desovar innumeras tartarugas quando, na estação da secca, de agosto a outubro, e ás vezes até novembro.

É aqui que os habitantes do rio Madeira fazem vido á agglomeração d'ellas, bota na agua, todos os dias grande quantidade mortas asphixiadas pelo calor que as abraza e lhes queima a carne.

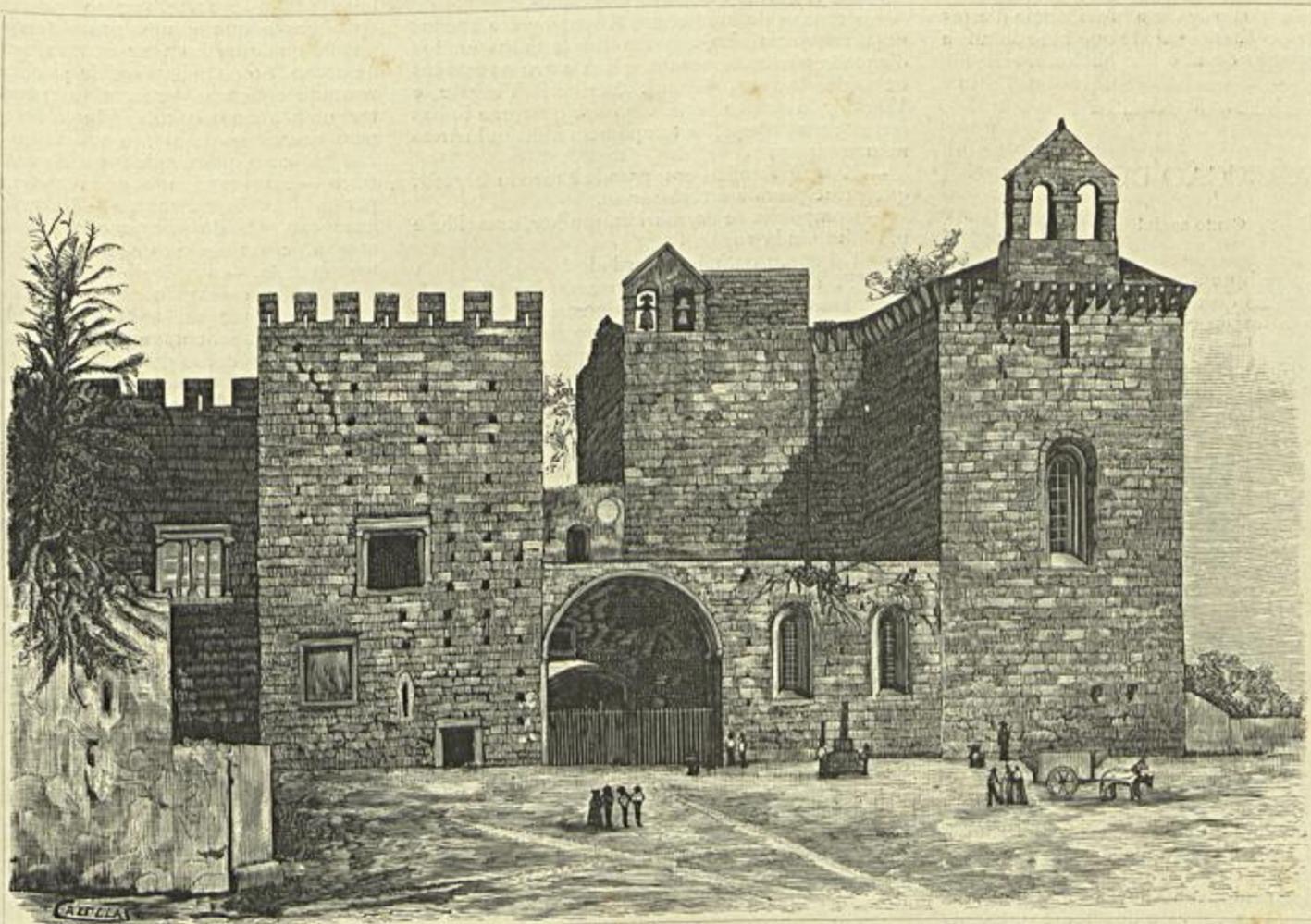
D'ahi vae o commandante vendendo, ou os *viradores* regulando o preço de 1$500 a 2$500, conforme a quantidade que tem.

Os compradores, e *viradores*, ali são munidos com seus batelões preparados com grades de páu, como se fôra para carregarem palha, embarcações que trazem a reboque dos vapores,—as carregam de tartarugas, outras vezes em jangadas, seguem com ellas a suas casas, morrendo tambem muitas pelo mau acondicionamento, durante a viagem, ainda que resguardadas do sol por palhas de palmeira. Em casa depositam-nas em agua para as conservar por mais tampo mais nutridas.

No entanto estes animais chegam a estar um anno no curral, sem beber ou comer; — mas para conservar sua nutrição, deitam no deposito bananas, goyabas, etc.

D'ahi vão tirando para comer, e podemos asseconseguinte, estes signaes, onde elles terminem, póde cavar-se que ali se encontram os ovos. Se chove porém, é difficil dar com o ninho, por haver a agua apagado as passadas, mas ha gente tão esperimentada que não a embaraça tal inconveniente.

Muitas vezes é tal a quantidade de tartarugas a depositar seus ovos e a abrir covas, que dando em outros ninhos, partem e tiram os ovos que já outra ali pôz, e depositam os seus ficando aquelles de fóra da areia para regalo dos urubús, (corvos), que anciosos aguardam em bandos tal petisco.

Além dos ovos que se estragam e se comem, ou de que fazem manteiga, — que não chegam a germinar, finalmente, — as tartaruguinhas, ao sahir da cova á superficie da areia para se lançarem logo na agna, são victimas, aos milhares, do povo que tambem as colhe para cosinhal-as, levar em saccos, finalmente, até em canôas, o que consiste um deploravel estrago, sem proveito, pois não só

EGREJA DA FLOR DA ROSA

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Luiz Cordeiro Godinho)

seu abastecimento d'estes amphibios para seu sustento, durante muitos mezes do anno.

Na época designada, é nomeado pela camara do municipio um commandante com o fim de fiscalisar o serviço da distribuição das tartarugas pelos habitantes, que as vão procurar ali.

N'esta época, estabelece-se na praia uma especie de *bivac*, onde se destaca a habitação do commandante cercada por diversas outras barracas, todas de palha, aguardando a sahida das tartarugas os individuos que munidos de batelões e canôas, as vem buscar. Ellas começam a sahir da agua á praia, em geral, na força do sol, em numero de milhares. A' noute, depois de haver na praia uma quantidade d'ellas, grande, o commandante dá ordem para a *viração*, voltando-as então os *viradores* de peito para o ar, em cuja posição, devido á sua constructura, peso e falta de apoio, não podem mais voltar-se. Assim o povo vae virando e deixando, para depois de ter um numero concedido, voltar a leval-as para seu barco, dando umas tantas ao commandante, pondo-lh'as no *curral* que, com antecipação tem já construido, de páus, em quadro; e ali vae juntando a sua parte, chegando a contar milhares, d'onde, devido gurar que é uma carne agradavel e saborosa, sendo até preferivel á carne de gado vaccum, d'este paiz.

Do lombo e carne do casco da tartaruga fazem saborosos assados e cosidos, — e ensopados excellentes; bem como a celebre *sopa de tartaruga*, apreciada pelos viajantes; porém, a manipulação d'estas comidas perde todo o seu valor, quando não preparada pelos naturaes do Amazonas.

Devido á immensa quantidade de tartarugas que procura a praia para desovar, muitas chegam a pôr os ovos, mas ainda d'estes são poucos os que germinam, já porque o povo procura as covas para os tirar e comer, já para fazer manteiga ou banha de tempero, a procurada manteiga de tartaruga, que se presta para tempero e luz, tendo a vantagem de não crear ranço.

É facil dar com os ninhos de ovos, posto que a tartaruga depois de abrir a cova na areia, e os pôr em numero de 120 a 160, — tapa-a com a mesma areia, e collocando-se em cima da cova, suspende-se nas mãos e pernas, batendo com o peito sobre a cova, retirando-se em seguida, deixando vestigios de sua passagem pelas egadas parallelas que vae marcando. Percorredo por não deve ser saborosa esta comida (ainda que alguns a affiançam), como não merecia a pena tal estrago, que de futuro daria melhor proveito, quando grandes, visto que estes pobres reptis, em tal estado não tem carne que possa alimentar.

A tartaruga é facil de *virar*, posto que ao presentir gente corre com ligeireza no primeiro impeto, depois fica-se assolapada.

Os ovos tem a casca flexivel em qualquer estado, e não se prestam para fritar como os de gallinha, tendo d'esta forma um *petiú* ou *catinga*, desagradaveis.

As tartaruguinhas são muito estimadas em Manáos e no Pará, para as caldeiradas; para onde as levam nos vapores como grande mimo, dentro de dornas com agua.

No convéz dos navios tambem conduzem centenares de tartarugas para os pontos intermediarios do rio, do Pará e Manáos.

O processo para a fabricação da manteiga dos ovos de tartaruga, é o seguinte:

Juntam-se estes n'uma tina ou até n'uma montaria ou canôa, conforme a quantidade; — ali os pisam como uvas em lagar, a pés, bem machucados, misturando-se-lhes uma pouca de agua.

Deixando-os assim por algum tempo, e logo que as materias estranhas são expulsas, fica a gordura depositada na superficie, d'onde se tira para grandes taxos que levam ao fogo e feito isto, emquanto a manteiga está meia homogenea, lançam-a em potes, ou em garrafões, e assim a levam ao mercado.

No entanto a melhor manteiga para temperos, é a extrahida da gordura das proprias banhas do animal.

Da carne tambem se faz excellente mexira.

Em fins de novembro, em geral, a enchente do rio cobre a praia de *Tamanduá*, ficando a ilha limitada a uma pequena quantidade de arvores que vejetam ao fundo da praia, n'um alto; e n'esta época se retiram as tartarugas quasi sempre para os lagos — *igapós*, — ali então, se torna facil aos mariscadores a sua pesca á fisga ou frecha, como nos rios, indo arpoal-as no casco, para o que usam o arco e frecha.

Da mesma formam pescam o *capitarry*, macho da tartaruga, porém mais pequeno e de carne inferior, não se aproveitando, nem sua carne, nem caldo, para alimento de doentes, como da tartaruga, — a não ter sido castrado este amphibio.

Finalmente, a tartaruga é a providencia d'estes rios, e a *Praia de Tamanduá*, de que hoje damos a vista, é a despensa do alto Rio Madeira.

UMA LICÇÃO DO AVÔ

Conto social

Elle era um velhote amavel, complacente com todas as estroinices do neto, que lhe saltava sobre os joelhos em guiza de cavalleiro; lhe desatava o laço do gommado lenço do pescoço; lhe amarrotava os bicos do collarinho, que emoldurava a rugada face; lhe desmanchava as farripas do cabello alvissimo, artisticamente dispostas de modo a cobrir a calvice; e mil outras desenvolturas, mas que o achavam sempre bem disposto, sempre jovial, sempre rindo-se para o rapaz, a quem chamava o seu diabrete, os seus peccados.

O pequeno, esse, era de uma turbulencia temivel.

O sangue novo, que lhe fervia nas veias, dava uma elasticidade extraordinaria aquelles nervos franzinos.

Não podia estar quieto; as pernas andavam n'uma dobadoira, os braços deslocavam-se em exercicios gymnasticos, a cabecinha volteava doidamente em todos os sentidos, com uns olhos pretos muito vivos, muito scintillantes e muito irrequietos.

Queria saber o porquê de todas as coisas, instava depois pela resposta e levantava objecções. Tinha ditos muito a tempo, que faziam rir o velhote, o qual se via muitas vezes seriamente atrapalhado para satisfazer aquellas curiosidades, aquellas exigencias de saber.

O avô era instruido; tinha levado a vida no estudo dos livros, das coisas e dos homens, e contava-lhe historias instructivas.

As historias do avô eram o unico meio de ter o neto em descanço, porque o escutava com muita attenção, com seriedade: parecia então um homem de juizo, o traquinas.

Quando a narrativa era triste, quando referia alguma desgraça, quando havia n'ella algum rasgo de heroismo, de dedicação, de philantropia, alguma d'essas acções nobres, que chocam, que ferem a sensibilidade, fazia beicinho, e os olhos arrasavam-se-lhe de lagrimas.

Se o avô contava um acto sensuravel, indigno, infame, então arreliava, batia com o pésito no chão, protestava que se o sujeito ali estivesse dava-lhe uma dentada, um sôco, atirava-o pela janella.

O avô amimava-o, dava-lhe beijinhos, chamava-lhe a sua joia, e tinha tambem assomos de sensibilidade, despertados pela ternura do coração do neto.

—Avôsinho, venha de lá um conto: gritava o rapaz, depois de fatigado pela retouça.

E o avô tinha sempre um conto moral, ou um facto historico com que entreter o pequeno, e que era ao mesmo tempo uma licção para aquelle espirito jovenil e um pasto para aquelle coração amoroso.

—Lá vae uma historia, Lu-lu, dizia o velhote quando o queria sentadinho, sem travessuras nem taraguellices fóra de proposito.

E o pequeno dava os ultimos pulos, a ultima cambalhota, e ficava serio, arrastando a cadeira para o pé do avô, e sendo todo attenção.

—Vamos a isso, avôsinho; dizia.

Então era só carinhos; fazia-lhe festinhas na face, alisava-lhe e compunha-lhe as farripas, e dava-lhe beijos.

— O avôsinho é muito amigo do menino, pois não é? e fazia uma festinha.

— E eu tambem sou muito amigo do avôsinho, pois não sou? e dava-lhe um beijo.

O avô babava-se pelo rapaz; puchava o para si, apertava-o affectuosamente contra o peito.

Recordava-se do filho quando tinha aquella idade, e elle cincoenta annos menos, e dizia, fallando comsigo mesmo — não faço mal em ser doido por este rapazola.

Afinal eram duas crianças.

—Vamos; comece, avôsinho, comece.

Elle então tirava do lenço vermelho, tossia, escarrava, limpava os olhos, e o pequeno estava nos ares, cheio de estremecimentos nervosos, impacientes.

Após estes preambulos o avô dizia por fim.

— Uma vez existia na floresta selvagem de Kentuchy uma familia de lenhadores...

— Perdão, avôsinho; Kentuchy onde é?

— Na America do norte, meu filho.

Ao tempo do meu conto Kentuchy era apenas uma provincia, hoje é um dos estados unidos d'aquella parte do mundo, e fica entre os estados de Ohio, Indiana, Illinois, Missouri, Tenesse e Virginia; é muito fertil e possue quatorze linhas ferreas; mas n'aquelle tempo nem tinha industrias nem civilisação...

— E essa familia era grande? tornou o petiz, que principiava a interessar-se.

— Compunha-se de marido, mulher, uma filha e um filho ainda rapaz..

—Tal como eu, não é verdade?

—E', sim. O pequeno nascera em 1807. Os paes eram inteiramente analphabetos, e o filho só frequentou a escola durante um mez, tendo por mestre um pobre homem, que mal sabia lêr.

— Então porque? replicou a criança.

— Por duas razões: a primeira porque os paes eram muito pobres, e a segunda porque as escolas eram raras n'aquelle tempo e n'aquelle paiz.

— Era então um paiz barbaro?

— Exactamente: é assim que se denominam os paizes, que dão pouco apreço á instrucção.

— E depois?

— Depois, passados seis annos, os paes carregaram sobre uma jangada os seus poucos haveres e transportaram-se á Indiana...

— Como se chama o rio, que tiveram de percorrer?

— Chama-se tambem Kentuchy, e é formado de muitas fontes d'agua, que brotam dos montes Cumberland. Atravessa o estado a que dá o nome, passa em Frankfort d'America, e vae lançar-se no Ohio, a quatrocentos kilometros de distancia da fóz.

— E seguiram todo o curso do rio?

— Não; chegaram só á Indiana; o Kentuchy passa-lhe ao sul. Chegados ali escolheram o terreno onde mais lhes convinha estabelecerem-se, e construiram uma cabana de troncos de arvores.

— E porque mudaram elles de residencia?

(Continúa)

A. Motta.

SCENAS BURGUEZAS

VII

Consequencias naturaes

(Concluido do n.º 439)

Ema entrou na galleria reservada e sentou-se. Ao olhar porém para a salla das sessões, a voz de um deputado, — estava fallando de costas para ella, frente para o presidente da camara — fel-a estremecer...

Mas não podia ser *elle*, pensou, porque os deputados conversavam não parecendo dar-lhe muita attenção. O deputado que n'aquelle momento tinha a palavra, fallava de vagar, a meia voz, com indifferença, sorrindo. Dava curtos passeios entre as bancadas da segunda fila, virando-se por vezes para a tribuna reservada: Ella então poude ver que este era um homem de estatura regular, todo vestido de preto, typo energico, meridional, cabello curto e forte, embranquecendo nos parietaes e destacando dos da fronte que eram de todo escuros, barba aparada em ponta; os olhos... aquelles olhos castanhos onde havia tanta luz, revellaram-lh'o. Era Mario Guerreiro. A custo poude conter um grito. Cabello branco! Para aquelles que sem distracção vivem em desgosto profundo a vida corre com uma rapidez que assombra...

A camara ouvia-o benevolamente; o uso de fallar educara a voz n'este flegmatico; tinha-a forte, agora tornara-a branda, methodica, fallava a meio tom, percorria com a vista toda a salla, parecia distrahido. Tratava-se de escravatura, do inglez Cameron. Era a ordem do dia.

Quando Mario olhou para as gallerias, viu o movimento de Ema, affirmou-se, reconheceu-a, e a voz tremeu-lhe...; na fronte pareceu accusar uma sensação de dôr.

Todo elle se transformou; passou-lhe pelos olhos um relampago de genio, a voz echoou vibrante; argumentos de ferro varavam os adversarios; os deputados terminaram as suas praticas intimas, e começaram a rodeal-o; a *maioria* accordou, disparam-se alguns *ápartes*; Mario rebatia-os com o brilhantismo de um polemista consummado, o gesto era rapido e firme como na esgrima.

O seu espirito fôra sempre positivo mas não pudera fugir aos sonhos da imaginosa juventude; hoje, sentia-se forte, seguro, passara já de essa crise grave que é uma prova terrivel nos destinos de qualquer homem; entrara na vida pratica, de acção. Só os individuos de intelligencia larga e vontade soberana vencem tal prova. É preciso ter uma alma mascula, plena de generosidade para resistir ao desalento que nasce da decepção. Em tal caso psicologico os homens de espirito fraco — essas nullidades que as mulheres chamam perigosas e interessantes — descem á ultima degradação. Os de imaginação viva fortalecem-se, mas á custa de um soffrimento horrivel, — a transigencia, — a polé do espirito.

O cerebro orientado e forte dava-lhe incontestavel auctoridade em toda a camara. Por isso as suas palavras rebentavam do parlamento e explosiam no paiz como granadas! N'esta sessão teve momentos de verdadeiro talento, quando viu a Ema, a *martyrsinha* na galleria a fital-o com os seus olhos negros e tristes, anciosos, — na pujança da phrase e na magnitude da harmonia elevou comsigo toda a assemblea. Fallava das mães, do seu amor sublime, e dizia:

— A alma não tem côr, pretos ou brancos, são homens, são nossos irmãos!..

Governo, opposição e gallerias tudo applaudio, esqueceram-se da politica, só viam o artista da palavra.

VIII

Recordações

Mario Guerreiro depois da enorme ovação de que foi alvo não poude esquecer a presença de Ema. Porque a imagem d'ella avivava-lhe a reminiscencia, e ainda tinha impresso no espirito o quadro da dolorosa situação que o obrigára a declarar que a amava. . por philantropia. Porque era assim, e esta era a verdade.

Não podia esquecer aquella noite *horrivelmente* bella, como diria Balzac, em que pela primeira vez sentira o prazer da lagrima...

Tinha bem presente no seu espirito a Ema; via-a, ainda, n'uma ampla cadeira coberta de almofadas, abandonando-lhe indifferente o corpo como n'um estojo; o rosto anguloso, macerado, fazia destacar, dos labios crestados e sem côr, e das faces amarfinadas, o olhar negro e brilhante dos doentes d'alma... Sentara-se junto á cabeceira do leito da pobre creança e tomou-lhe as mãos marmorisadas pelo soffrimento...

— Oh! quem me dera fugir!... para muito longe!... para longe de mim!

E dizia isto n'um tom brando e vago como a voz dos martyres quando o espirito se lhes evola para a etheridade que os comprehende.

— Porque? e para onde querias tu fugir, retorquira elle tremendo.

A resposta de Ema fôra um olhar, longo, intelligente...; os labios oscilaram levemente como a avesita que ainda não soubesse desferir o vôo, e como um leve sopro, passaram-lhe pelos ouvidos estas palavras:

— Para... ti!

Abrira-se-lhe inteiramente uma nova existencia. As lagrimas que lhe innundaram o rosto provaram-lhe que a dôr tem suavidades...

Pelo espirito passara-lhe este quadro, e Mario via-o em toda a nitidez quando depois da sessão, á saida do edificio, mandou a Ema o seguinte bilhete:

Mario Guerreiro

Pobre de bens e rico de recordações, tem a honra de comprimentar a sua velha amiga

Ema bem conhecia o Mario, por isso que pas-

sou todo o dia seguinte fechada no seu quarto preza de uma agitação indiscriptivel, sabia que não lhe tornava mais a fallar, chamou lhe ingrato, soberbão. E se alguem, deante d'ella, se referia com enthusiasmo ao discurso phrenodico pronunciado por Mario Guerreiro sobre a escravatura, respondia muito nervosa:

— Eu não gostei; toda a santa tarde a fallar, só de pretos, parecia que era filho d'alguma preta !...

E calou-se medrosa da heresia.

Os dias seguiam-se, o seu soffrimento augmentava progressivamente...

Abafava sob o pezo das recordações.

Não podia continuar assim, dizia. Pois ella havia de ser como que esquecida por elle ! ?... E vinham á mente idéas de vingar-se precedidas de grandes desejos de martyrisar, de bater fosse no que fosse. Os pesitos rufavam no sobrado parecendo um longiquo *toque de carga*; estendia as mãositas crispadas entrelaçando-as nos dedos de uma alvura aristocratica, muito cuidada. E depois o que não deveria já dizer toda *aquella gente* do ascendente que tinha, e perdera hoje, sobre o Mario. Ascendente de que tanto se vangloriava. Porque a Ema dominava o Mario. E hoje ?...

N'este estado de violento sentir, recordava-se com interesse, com prazer, do que diziam de Mario as gazetas governamentaes, os seus adversarios politicos, o que ouvira aos que o invejavam, aos que insultavam o trabalho a abnegação e o talento d'elle.

Fazia mentalmente côro com elles, achava razão *aos outros*.

— Pois que não appareça! Decerto não serei eu que o mande chamar. Tinha graça. Deus me livre de tal. Um homem a quem os jornaes lhe chamaram tudo quanto lhes aprouve. E nem sequer matou um dos insultadores. Insultadores ! não, porque se elles não dissessem a verdade elle tinha-os chamado aos tribunaes, ou desafiaria algum d'elles.

Estava contente de si e do rancôr que lhe tinha. E havia ella de o mandar chamar. Por modo nenhum. Seria baixar-se muito. Mas, sobre tudo, o que mais a decidia contra Mario, nas suas irritabilidades de hysterica, era o que diriam todos que a conhecessem ao saber que fôra ella que o chamara. Não, nunca.

N'aquelles momentos odiava o.

— Hereje ! nunca vi aquelle grande senhor em uma egreja ! Deputado de campanario !...

Estendia os beiços em uma dilatação de desprezo. Diziam os jornaes, affirmava ella muito victoriosa: *deputado de campanario*. Não reparando que estes jornaes são sempre sustentados por um amigo do offendido.

Comtudo, immediatamente, por instincto, por isso que Ema não era um espirito vulgar, repugnava-lhe a camaradice com tal sucia.

Repugnava-lhe por honra sua, pelo respeito de si mesma.

E, quando se lhe distendiam os nervos como prenuncio de um socego reparador, lembrava as attenções que Mario tivera por ella, da veneração que elle lhe tributava, que fôra elle quem fizera do seu nome o anagramma de «*Mãe*,» e sentia ainda sobre si como que o rasto benefico do seu olhar franco, supplicante, acariciador, e dizia :

— Não vem, não; com certeza.

Recordava o desprezo que elle tinha pela riqueza. Porque a riqueza, o ser rico, é um merecimento que só fica bem aos simples ou aos viciosos. Ella hoje era rica, elle vivia apenas do que trabalhava. Ema começava a estabelecer vagamente no cerebro theorias definidas do bem e do mal O *Bem* era vel-o, ouvil-o, sentir entre as suas mãos a cabeça d'elle, — as suas mãos !... e no seu alheamento, olhou-as afagando uma com a outra, elle tinha razão, eram realmente bonitas... Principiava a invadil-a uma certa gratidão por elle, sentia-se anciosa dos seus olhares, das mãos de Mario das suas palavras, um desejo impaciente de ouvir a sua propria voz, chamal-o, gostava de dizer o nome d'elle em voz alta, *como antigamente*:

— Oh Mario ? !... ouve ! disse em leve expiração.

E parecia-lhe vel-o curvar-se para ella n'um «—*Que queres tu?*—» respeitoso, affavel, com o seu olhar indagador, cheio de interesse pela martyrsinha. De repente, em relampago vivo, illuminou-lhe o cerebro uma idéa salvadora; e a sensação por ella produzida foi tão forte que a obrigou a cingir com as mãos a cinta e o peito. Depois levou-as aos olhos como se os tivesse queimado.

— Se eu o procurasse, sem ninguem saber...

Esta phrase — *sem ninguem saber* — é para todas as mulheres um grande motor de leviandades.

— Não. Seria indigno de mim... elle proprio me desprezaria.

E diversas circumstancias, recordadas com habilidade feminina, provaram-lhe que elle não era como tantos outros; que um caracter como o d'elle era digno de tal sacrificio... e uma anciedade insupportavel tomava-a com tal força que juntou as mãos acima da cabeça e cahio de joelhos sobre o tapete, fincando os cotovellos na colcha adamascada do leito.

— Oh ! meu Deus ! Agora vejo que o amo ! Que desgraça se isto assim fôr... Ah ! E verdade pois, meu Deus, que sou toda d'elle !...

Então já não tinha duvidas. O *Bem* era tudo que lhe favorecesse o amor; o *Mal* era tudo que se lhe obstasse.

—«Sem ninguem saber.» — como podiam censural-a. Não ha nada mais encantador para a mulher do que o mysterio. A imaginação d'ellas é mais fecunda, e mais brilhante do que a do homem; particularmente no amor. Todos os dias estas palavras «*sem ninguem saber*» eram o rebate com que lembrava todos os meios para realisar o seu intento.

Finalmente, um dia, já não podia addiar o seu projecto, estava decidida; a impaciencia dava logar ao sangue frio dos grades transes. Já não podia mais, quando ella pela inevitavel Tia Genoveva soube que o Guerreiro, morava, por ali proximo. Esperou a noite e dizendo que ia a uma amiga que morava em baixo, na escada do mesmo predio, foi procural-o para... para lhe exprobar o seu procedimento, bater-lhe, inclusivamente, castigal-o como se ella tosse sua mãe. E... lembrou-se que elle perdia noites, trabalhava muito:

— Bater-lhe ? Coitado .. isso não.

E sorrio, socegou.

IX

RESOLUÇÃO EXTREMA

O gabinete de trabalho da habitação de Mario Guerreiro tinha serventia directa para a escada; e era elle muitas vezes quem vinha á porta.

Pouco havia que se tinham accendido as luzes.

Bateram discretamente.

Mario Guerreiro foi abrir, e á luz indecisa da tarde que avança para a noite, vio no patamar uma senhora toda de preto com veu descido, — e pensou:

— Uma viuva que pede emprego para o filho.

No entretanto não comprehendia a impressão que o tomava, sentia como que um calefrio ligeiro percorrer lhe a espinha, apercebeu-se.

— Entre minha senhora, Mario Guerreiro sou eu.

A senhora de preto entrou, e elle proprio foi fechar a porta. N'este momento a luz do dia expirante illuminou-lhe fugitivamente a frente, mostrando na fronte de Mario rugas e pinceladas como de prata no cabello que lhe cobria as fontes.

A senhora ficou de pé, silenciosa, e, apoiando uma das mãos na secretária, deixou cahir o veu.

— Oh ! Ema ! Ema ! gritou Mario assombrado; e levou as mãos aos olhos como se recebesse n'elles o choque violento de uma luz intensa.

Ella estendeu-lhe a mão com solemnidade, e n'um leve tom ironico:

— Adeus, sr. deputado !...

— Tens, razão, ha alguns annos era mais alguma cousa, era o teu *protegido*...

E interrompendo-se muito severo:

— Vieste só ?

Ella então expellio toda a sua dôr, todo o seu resentimento n'uma explosão nervosa:

— Venho fallar-te muito claro. Não venho comprar o teu amor com o meu dinheiro; descança orgulhoso. Sei que se não vende ! Mas venho buscal-o com a minha honra. percebes ? Fico cá esta noite.

— Estás louca, Ema ! disse elle verdadeiramente aterrado.

Porque bem sabia que resolução tomada por ella, era realisada immediatamente.

— Creança ! não vês que te perdes ?

— Não podia resistir ao desejo de te ver. Olha bem para mim, Mario, será assim que olham as loucas ? soluçou Ema.

— Querida, é preciso que este amor seja por todos respeitado. Ninguem te vio sahir de casa... Escuta, attende-me: tua familia julga-te em casa da tua amiga. Não quero que a mais leve suspeita venha enodoar a tua honesta reputação. Vae para casa.

— Fiz mal ? Não sei. Mas sentia aqui dentro do peito, que tu me chamavas, que me querias, ouvi distinctamente, no silencio da noite, a tua voz para mim sempre de um imperio irresistivel. Mas se ordenas que a tua Ema saia ella partirá immediatamente.

— Sim ! sim querida. Diz-me porém antes de partir, diz com a tua voz, com os teus bellos olhos que me amas, que este amor não é inspirado pela phantasia da tua imaginação, mas porque assim o queres, porque assim deve ser; que nunca me esquecestes e nunca me desherdaste da tua ternura, e eu serei contente.

Ella sentada n'um pequeno divan debruçava-se para elle como vivendo do que ouvia aos labios de Mario d'onde brotavam as palavras como jorros de agua formosos, multicolores nas grandes cachoeiras ..

— Meu querido Mario, esta cabeça onde tanto tem vivido a minha imagem foi prateada pelo meu amor. É que era preciso assignalar n'ella uma provà immarcessivel de quanto luctaste e de quanto soffreste... Apenas um momento duvidei de ti, lembras-te ?... Foi aquella tarde, o céu côr de fogo... um beijo... ha tanto anno !

Mario interrompeu-a sollicito.

— Fomos martyres do nosso dever e do nosso amor; estamos quites para com Deus. Vae, querida, primeiro que tudo, a tua, a minha honra. É quasi noite, adeus !...

— Adeus ! meu e só meu querido Mario ! disse Ema abraçando-o e correndo para a porta.

Arrancaram-se custosamente um do outro.

*
* *

Quinze dias depois pertenciam-se para sempre, Mario Guerreiro e Ema.

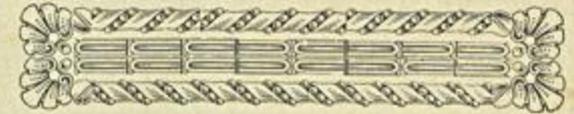
Sanccionara a igreja a sua união perante o mundo.

E o democrata, o puritano, conseguira livrar da devassidão do meio mais uma victima.

O proprio general Acacio disse:

— E' a união do talento com a innocencia, symbolisando a paz de dois espiritos que se amam.

— Que bem que falla o general ! disse sinceramente a D. Genoveva.

Manoel Barradas.

REVISTA POLITICA

A abertura do parlamento já começa a produzir os seus naturaes effeitos, que sem serem de uma legislação por ahi alem, traduzem se em relatorios, propostas e discursos, em compensação muito curiosos e um tanto enygmaticos.

Assim temos o relatorio do sr. ministro da fazenda que acompanha a proposta do emprestimo, a dar-nos a grata noticia de que do mez de novembro ao mez de fevereiro ultimos, a divida fluctuante cresceu mais cinco mil e tantos contos, isto é mais uma filhinha da que vae ser amortisada, para não se extinguir a geração.

Temos uma proposta para reducção de despezas do Estado, apresentada pelo deputado, sr. Eduardo d'Abreu, a qual nem sequer é admittida á discussão pela camara.

Temos ainda um discurso platonico de um deputado republicano, o sr. Latino Coelho, censurando uma votação muito mais platonica da camara, que achou em sua consciencia devia affirmar a sua completa adhesão á monarchia em confronto com tres deputados que o partido republicano tem na representação nacional.

Imagine-se a campanha para vencer uma tal votação e o desperdicio de rhetorica do sr. Latino Coelho para a condemnar.

Passando a analysar cada um d'estes tres productos que o parlamento por ora manifestou, principiemos pelo relatorio do emprestimo que é como quem diz o responso da agonia do padecente que vae para a força, e nunca uma figura de rhetorica, nos parece, se empregou com tanta propriedade, porque se o supplicio é cruel a justiça é recta e o culpado tem que soffrer a pena, ou então não desafiasse o castigo.

O sudario financeiro que esse relatorio pinta deixa ver bem as afflicções em que se tem visto o thesouro e nem o deitar culpas a estes ou aquelles nos póde já aliviar a consciencia, porque a culpa é de todos, é do meio vicioso em que se vive querendo todos gastar mais do que tem, auferir mais lucros do que merecem, importarem-se pouco com a communidade e cada qual só cuidar de si saltando por cima de tudo, e levando a desordem do seu viver intimo para o seio da administração publica, onde a unica coisa que menos se faz é administrar.

E' por isto que de ha muito o thesouro soffre as imposições da agiotagem; é por isto que essas imposições hão de ser cada vez mais exigentes e vexatorias, até já não serem coisa nenhuma, por já nem a ellas podermos recorrer.

E digam-nos então se a figura de rhetorica foi ou não bem empregada.

Veja-se se a situação angustiosa que atravessamos nos serve de bom aviso e licção. Quaes são as economias que se tem realisado como principio de equilibrio orçamental; veja-se como o sr. ministro da fazenda confirma as boas novas que nos dava em janeiro quando dizia: que o estado das finanças publicas não chegava a ser difficil, bem podendo antes dizer que fazia das tripas coração para tal affirmar; e como por fim cahimos na realidade vendo crescer em tres mezes uma divida fluctuante de mais cinco mil contos.

E no entanto a camara não admitte á discussão uma proposta de reducção nas despezas publicas. Cá estamos com o segundo producto para a apreciação do qual já nos vae faltando o espaço.

Entretanto sempre diremos que no actual momento a proposta do sr. Eduardo d'Abreu não

Isto a nós não nos fazia differença nenhuma ao nosso magro e philosophico orçamento, e se acharem esquisito ou mesmo novo chamarmos philosophico ao orçamento, é porque não temos á mão phrase melhor com que classificar o desprendimento que felizmente nos acompanha na sobriedade do nosso viver, sobre tudo d'essas vaidadesinhas titulares, por ventura muito mais inoffensivas que as de querer ser ministro do pé para a mão que para ahi se vêem, exactamente o choriço da preta, que era encher, atar e pendurar.

Mas não se pense que foi só o parlamento o unico a pôr de parte a proposta do sr. Eduardo d'Abreu; a imprensa politica fez-lhe troça, essa imprensa que anda todos os dias a clamar por vida nova para uso externo, essa imprensa que dilue diariamente palavras, palavras para encher as suas columnas com artigos pedindo economias, sem afinal aconselhar quaes as economias que se devem fazer, tudo mais pelo amor da arte do que por ser realmente economica, quando tanto estrago faz da sua prosa.

E por fim já não temos espaço para entrar na apreciação do discurso do sr. Latino Coelho, que

AMAZONAS — Ilha e praia de Tamanduá ou Ilha das Tartarugas, no Rio Madeira

(Segundo um *croquis* do sr. B. M. Costa e Silva)

era para assim se deitar ás ortigas, pelo menos para hora do convento.

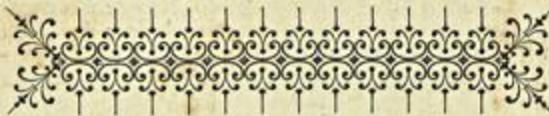
Entendemos que n'essa proposta ha exaggeros mas tambem ha muita coisa justa attendendo ás circumstancias excepcionaes em que se encontra a nação, e se ninguem está disposto a sacrificios, muitos terão que se arrependerem de não acceitarem um sacrificio menor para mais tarde soffrerem outros maiores, se continuarmos na mesma senda de gastar mais do que temos.

A supressão, por exemplo de certas embaixadas apontadas na proposta, era de importante economia, a reducção de subsidios a municipalidades e associações commerciaes, a reducção em ordenados e gratificações de serviços superiores, a suppressão de recebedores de comarca á maneira que forem vagando e a accumulação d'estes logares pelos directores das estações telegraphicas, etc., são medidas muito para estudar, pondo de parte a urna eleitoral, ainda mesmo quando esta fique ás moscas por falta de concorrentes.

E os cincoenta por cento de augmento nos direitos de mercê por habitos, commendas e titulos de nobreza, tambem é mau?

Se tudo está caro, porque hade a vaidade servir-se barata?

afinal se pode apreciar n'estas quatro palavras: uma bonita obra d'arte.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Vingança do Sargento *romance maritimo*, por G. de La Landelle, versão de M. Pinheiro Chagas Bibliotheca do Recreio, editora, Lisboa, 1890. Excellente romance em tres volumes que apparece agora em uma nova edição illustrada com desenhos de Baeta e gravuras de Alberto.

O Recreio *Almanach Litterario e Charadistico para 1891, adornado com o retrato e elogio biographico do distincto escriptor Julio Cesar Machado*, por Francisco Antonio de Mattos, etc., Lisboa. É um dos melhores almanachs que se publica em Portugal e conta já o seu quinto anno.

As Mil e Uma Noites *contos arabes. Edição illustrada, revista e corregida segundo as melhores edições francezas*. Versão livre de Guilherme Rodrigues. Bibliotheca do Recreio, editora, Lisboa. O segundo volume d'esta bella obra que tem feito as delicias das gerações sem perder nada do interesse com que é sempre procurada.

Associação Auxiliar da Missão Ultramarina.— *Relatorios e contas de gerencia do anno de 1889-1890 apresentadas pela direcção á assembléa geral da mesma associação na sua sessão annual de julho de 1890.* Mais um anno volvido na vida d'esta tão util quanto sympathica associação, que, se tem progredido em seus beneficios e desenvolvimento, mais poderia alargar ainda a sua acção benefica, se a isso a ajuda se um mais amplo favor publico e protecção do Estado, o qual apenas contribue com 1:000$000 réis annual para esta associação, cujos serviços nas missões d'Africa é já importante.

Emquanto a Inglaterra dispende grandes sommas com as suas missões protestantes com que nos vae intrigando a nossa Africa e desmoralisando os seus habitantes, em Portugal deixa-se quasi ao abandono as missões portuguezas tão necessarias para combaterem as escocezas e as mais efficazes para ajudarem a firmar o nosso dominio n'aquelle paiz.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43